

A experiência de policiais negros nos EUA, Inglaterra e Brasil

Debate com policiais e ex-policiais dos três países aponta necessidade de ampliar o número de profissionais negros nas corporações para causar mudanças significativas na situação

Lívio Rocha

15 de setembro de 2020

THENEWS2/FOLHAPRESS



Após a morte de George Floyd, manifestantes nos Estados Unidos pediram o fim da violência contra negros e a redução dos orçamentos das forças de segurança

Dados os recentes acontecimentos nos EUA, onde foram filmadas algumas ações policiais que vitimaram pessoas negras, a sociedade norte-americana voltou a questionar as suas forças policiais, colocando na agenda pública a necessidade de reformar suas instituições policiais, assim como as ideias de policiamento e de segurança. Diversas cidades, principalmente aquelas onde ocorreram as situações de repercussão, têm discutido até mesmo fechar a sua força policial para criar uma nova. Também falam em reduzir o orçamento dessas forças, em um movimento que ficou conhecido como “defund the police”.

Com o propósito de aprofundar a agenda de debates sobre este tema, a Open Society Foundations, uma das maiores organizações da sociedade civil norte-americana, com atuação em mais de 30 países, promoveu uma mesa de debates, em 25 de agosto,

intitulada “The Black Experience in Law Enforcement”. Nela, os expositores, policiais negros, falaram de suas experiências e opiniões sobre o policiamento contemporâneo. Neste artigo, trago os principais pontos das três exposições realizadas no evento, que trataram da relação entre as experiências de policiais nos EUA, Inglaterra e Brasil.

A primeira expositora foi Sonia Pruit, policial recém-aposentada do Departamento de Polícia do Condado de Montgomery (EUA). Ela é bacharel em justiça criminal, mestra em psicologia forense e professora universitária no Montgomery College. Acabou, recentemente, o mandato de dois anos como presidenta da Associação Nacional de Policial Negros (“National Black Police Association”).

Em seu relato sobre a experiência norte-americana, Sonia comentou que foi policial por 28 anos e é ativista social há 16 anos. Falou sobre os constantes ataques internos na polícia por ser mulher negra, o que a levou a concluir: se existe esse racismo dentro da polícia, não tem como ser diferente no tratamento da polícia com a comunidade onde atua.

Sobre a morte George Floyd, ela fez uma retrospectiva histórica, lembrando que as polícias americanas se originaram das patrulhas de capturas de escravos. Notou ainda que o racismo não é sistemático apenas nas polícias: também é no sistema de saúde, no sistema de transporte, na educação e no sistema financeiro. Em sua visão, há famílias que querem manter esse racismo sistêmico, embora essas sejam constantemente confrontadas por pessoas não brancas, pessoas vulneráveis e pessoa pobres. Ela acredita que estamos num ponto de ruptura, em tempos de mudanças urgentes, logo, espera que a sociedade debata esse retrocesso atual, com polícia e comunidade à mesa e conversando sobre como melhorar a prestação do serviço de segurança.

A segunda expositora foi Janet Hills, policial na ativa há 29 anos no Serviço de Polícia Metropolitano (“Metropolitan Police Service”) no Reino Unido. Ela trabalhou em departamentos de investigação de furtos e roubos, policiamento comunitário, tráfico de pessoas e voltou para Brixton como sargento-detetive. Ela é presidenta da Associação de Policiais Negros Metropolitanos (“Metropolitan Black Police Association - MetBPA”).

Ela narrou que entrou na polícia dois anos antes do famoso caso da morte de Stephen Lawrence, um jovem negro britânico morto em um ponto de ônibus por motivações raciais. Cinco pessoas foram presas, mas não foram processadas. Um inquérito público (“public inquiry”) foi aberto em 1998 pelo então juiz William Macpherson, que examinou a investigação do caso do Stephen e concluiu que a força policial foi institucionalmente racista no caso. Esse relatório formulou mais de setenta medidas para reformar o policiamento e as leis criminais, principalmente em relação ao racismo institucional. Como membro da corporação na época, Janet comentou que muitos policiais acharam que essa “etiqueta” de racismo institucional significava que eles eram individualmente racistas.

Mesmo com as mudanças que ocorreram ao longo dos anos, o uso da força pela polícia, a falta de progressão funcional para policiais negros, só para exemplificar um rol mais extenso, continuam sendo problemas. Ela não deixou de reconhecer as mudanças que ocorreram, mas foram poucas, com muito esforço dos policiais negros como ela e de representantes das comunidades. Em sua visão, nesse ritmo, serão necessários muitos anos para que uma transformação genuína ocorra.

Nascida nas ilhas caribenhas, lembrou que quando a família mudou para Brixton, havia poucas mulheres na cidade e não havia nenhuma outra mulher quando entrou na polícia. Isso significa que não havia ninguém para servir de referência. Isso a obrigou a lutar muito para ter voz na polícia. Essa luta a ajudou a ser eleita nas associações de policiais negros. Ela sentiu muito orgulho de voltar para Brixton após ser promovida, em nível de supervisão e liderança. Isso serviu para ajudá-la na assistência a sua comunidade, a fazer a polícia ouvir sua comunidade, algo que a polícia não fazia, e também em ter oportunidade de ser referência para mulheres negras dentro e fora da polícia. Ela defendeu que a polícia precisa ser reflexo da sociedade que serve. Para tanto, deve voltar ao básico: construir um relacionamento de confiança com as comunidades. Além disso, deve reconhecer e lidar com os problemas internos de racismo institucional contra os policiais negros e asiáticos.

O terceiro expositor fui eu, Lívio Rocha, investigador de polícia civil em São Paulo há mais de 20 anos, especialista em Direito Penal e mestre em gestão e políticas pela Faculdade Getúlio Vargas (FGV/SP). Também sou ativista do movimento negro pela Negritude Socialista Brasileira, onde estou como secretário executivo, e associado do Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Iniciei meu relato comentando números escandalosos do racismo no Brasil, como:

- diferença salarial de até 45% entre homens brancos e mulheres negras;
- diferença de mais de 20 anos na expectativa de vida entre o bairro com maior população negra (60% da população no Jardim Ângela - 58 anos) e no bairro com a menor população negra (5% da população em Moema - 80 anos) em São Paulo;
- 75% das vítimas de homicídio no Brasil são negras
- Tudo isso enquanto 55% da população brasileira é negra.

Ainda narrei algumas passagens de minha carreira, nas quais o racismo prejudicou meu reconhecimento enquanto policial dentro da corporação, assim como a falta de oportunidades e ascensão profissional. Também destaquei que nunca tive chefes negros, mesmo sendo comum ter parceiros de trabalho negros. Ressaltei que os negros nas polícias não costumam se enxergar como negros, e sim como policiais.

Após as exposições, pudemos debater outros pontos, a partir das perguntas dos ouvintes. Neste momento, a britânica Janet ressaltou a necessidade da participação da comunidade para colocar o aperfeiçoamento da polícia na agenda pública. Os cidadãos precisam falar, precisam ser ouvidos sobre a polícia que querem. E precisa haver muita pressão externa à polícia para as mudanças ocorrerem.

A norte-americana Sonia comentou que os sindicatos de policiais são importantes para garantir benefícios para os trabalhadores policiais, mas, infelizmente, têm atuado como obstáculos para as reformas necessárias no caso dos EUA.

Em minha fala final, comentei sobre a experiência de Portugal, que descriminalizou o uso de qualquer droga desde 2001 e não viu nenhuma explosão no uso ou no tráfico por causa disso. É um fato. Se a polícia não perdesse tempo com os crimes relacionados com drogas, com certeza se dedicaria mais no combate a outras modalidades criminais.

Por fim, todos expositores concordaram que deve haver o ingresso de mais pessoas negras nas polícias, pois, para que mudanças significativas ocorram, é necessário não apenas pressão externa, mas a atuação de agentes internos às instituições policiais.

Lívio Rocha

Investigador da Polícia Civil de São Paulo há mais de 20 anos, especialista em Direito Penal e mestre em gestão e políticas pela Fundação Getúlio Vargas (FGV/SP), secretário-executivo do Movimento Negro pela Negritude Socialista Brasileira e associado do Fórum Brasileiro de Segurança Pública

https://backup.forumseguranca.org.br/seguranca-no-mundo1/template-multiplas-vozes-t2mgr-o6zzn-zjjuh-hi3nj-iyxsx-vc35o-jes2f-p45gr-boopr-2ez42-baaej-o6q_-7as9i-47nyy-mz874-u6e7o-csibj-mrcnm-7tfxr-4mcp7-4kytq-z8r62-tnhnb-s5myy-3pmpy-55r5j-8nh73-xn2t3-i7gsv-pa5ee-cyry9

